



Instituto de Letras – II

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

Érica de Almeida Cabral

ANÁLISE DA OBRA *AS MULHERES DE TIJUCOPAPO* DE MARILENE
FELINTO ATRAVÉS DO DISCURSO DA NARRADORA PROTAGONISTA, RÍSIA
SEGUNDO O PONTO DE VISTA DO EMPODERAMENTO.

Brasília

2016

Érica de Almeida Cabral

ANÁLISE DA OBRA *AS MULHERES DE TIJUCOPAPO* DE MARILENE FELINTO
ATRAVÉS DO DISCURSO DA NARRADORA PROTAGONISTA, RÍSIA SEGUNDO O
PONTO DE VISTA DO EMPODERAMENTO.

Monografia apresentada ao Departamento de
Teoria Literária e Literaturas, da
Universidade de Brasília, como requisito
obrigatório para obtenção do título de
Bacharelado em Letras – Língua Portuguesa
e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Adriana de Fátima
Barbosa Araújo.

Brasília

2016

Dedicatória.

Dedico este trabalho e tudo o que ele representa para todas as mulheres que tenho dentro de mim. Para as minhas tataravós e bisavós indígenas, negras, escravas e portuguesas. Para minha avó Onésia, mãe de 21 filhos 13 deles levados pela pobreza, costureira, migrante nordestina no DF e lúcida até o último suspiro; para a minha avó, Iolanda, uma das primeiras mulheres a usar calças jeans, a trabalhar em fabricas com carteira assinada no Rio de Janeiro, filha de migrantes portugueses e migrante carioca no DF. A todas as professoras da minha vida. A todas as amigas e colegas de curso. Em especial a minha irmã, Elaine, que é meu exemplo de foco, determinação e dedicação e a minha mãe, Maria de Fátima, por todo o amor doado e retribuído porque parte do que eu sou é um pouco de cada uma delas.

Agradecimentos

À minha orientadora, professora Dra. Adriana de Fátima Barbosa de Araújo pela paciência e perseverança em me orientar neste trabalho.

Aos meus amigos e amigas que compartilham comigo o sonho de ser professor neste país.

À minha família que sempre soube me dar ânimo para não desistir e permanecer na luta.

Nós percebemos a importância da nossa voz quando somos silenciadas.

Malala Yousafzai

É preciso ter coragem para ser mulher nesse mundo.

Para viver como uma.

Para escrever sobre elas.

Thinkolga.com

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a obra *As mulheres de Tijucopapo* de Marilene Felinto através do discurso da personagem Rísia tendo como ponto de vista o empoderamento. Apontando como a personagem revisita os fantasmas da infância sofrida vivida parte em Recife, parte em São Paulo, num misto de fluxo de consciência e delírio para entender o passado, justificar o presente e redesenhar um futuro.

Palavras-chave: Mulher, empoderamento, fala.

Sumário

Resumo, 06

Introdução, 08

A autora e a obra, 09

A origem d'As mulheres de Tijucoapapo, 09

A narrativa, 10

O que é Empoderamento?, 12

O empoderamento da fala, 13

Empoderamento econômico, 14

Considerações Finais, 16

Referências bibliográficas, 17

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é o processo de fortalecimento feminino através do discurso da personagem Rísia d'As mulheres de Tijucopapo de Marilene Felinto. O que se pretende demonstrar é que mesmo que está jovem mulher tenha sido submetida durante a infância a uma vida de fome, desamor e exclusão ela ascendeu social e economicamente por esforço próprio, a partir do momento em que ela se reconhece como excluída, no entanto esse processo deixou marcas profundas e provocam nela a busca pelas origens não só dela mesma, mas também da mãe e de todas as mulheres a sua volta.

Pretende-se com este trabalho analisar a possibilidade de uma mulher a margem da sociedade, pobre, migrante nordestina e negra superar todas estas marcas da exclusão social, política e econômica e ascender. Além disso, também pretende-se analisar como a protagonista usa a forma literária como um lugar de emancipação e desabafo das suas dores internas. Para trabalhar o tema principal proposto, fez-se necessário recompor o contexto social dos períodos retratados pela autora no texto, assim como demonstrar como eles afetaram o desenvolvimento das mulheres no Brasil e por consequência também a personagem. Buscou-se autores que falam de mulheres autoras da própria história.

A base para o presente trabalho foi a pesquisa bibliográfica, pois para compreender melhor o tema proposto foi preciso identificar quais os autores tratavam de formas de fortalecimento feminino para ascensão social.

Para o campo literário, este trabalho é importante pois mostrará a visão de uma mulher negra, nordestina e pobre que ascendeu socialmente e a sua busca por superar as marcas que estas mazelas do passado lhe causaram na alma e assim escrever um futuro mais digno. Comparando passado e presente ela pretende assim religar as duas pontas da sua própria história.

A autora e a obra.

Marilene Barbosa de Lima Felinto nasceu em 05 de dezembro de 1957 na antiga vila de casas da fábrica de cimentos Poty. Hoje a cidade de Poty faz parte da administração regional do município de Paulista, estado de Pernambuco.

Marilene estudou em Recife até os 11 anos de idade quando toda a família se mudou para São Paulo no final de 1968 em busca de uma vida melhor e melhores oportunidades. Já em São Paulo ela continuou seus estudos em um colégio estadual, no bairro da Conceição (região do Jabaquara). Em 1983, formou-se em Letras com habilitação em bacharelado e licenciatura em português e inglês pela Universidade de São Paulo. Hoje a escritora também é jornalista e colabora desde de 2002 com a revista Caros Amigos.

As mulheres de Tijucopapo é o primeiro romance escrito por Marilene Felinto, então com apenas 22 anos, e foi publicado a primeira vez em 1982. Já na estreia ganhou o Prêmio Jabuti de Revelação de Autor (1982), o *Prêmio União Brasileira dos Escritores (1982)* e foi traduzido para o inglês, francês, holandês e catalão. O romance narra a viagem de retorno de Rísia à terra onde sua mãe nasceu, a lendária Tijucopapo. Nesse deslocamento de São Paulo para Pernambuco, ela relembra sua infância pobre no Recife e a adolescência de exclusão em São Paulo. Nota-se nesse percurso todo o processo de mudanças profundas pelas quais a personagem passa durante essa passagem de tempo.

A origem d'As mulheres de Tijucopapo.

No ano de 1646 os holandeses que ocuparam o território pernambucano começaram a perder todo o território invadido a partir da Insurreição Pernambucana (1644-1654), e ficaram encurralados na faixa de terra que vai de Recife a ilha de Itamaracá. Com fome e doentes de escorbuto pela falta de vitamina C os holandeses investiram algumas vezes contra a vila de pescadores. Foi no dia 24 de abril do mesmo ano que os estrangeiros se organizaram para invadir a vila. Eles buscavam por farinha de mandioca para matar a fome e caju para curar o escorbuto que atingia quase toda a tripulação. Acreditasse que os holandeses achavam que encontrariam ali somente mulheres, crianças e idosos, pois era um dia de domingo e os homens da vila estariam em Recife para comercializar os produtos da pesca na feira da cidade e assim a vila estaria desprotegida.

Contudo, a notícia de movimentação dos marinheiros rumo a povoado chegou rápido aos ouvidos da população local e estes não perderam tempo. Os poucos homens que estavam

na localidade se ocuparam em construir trincheiras e se armar enquanto as mulheres – entre elas destaca-se Maria Camarão, Maria Quitéria, Maria Clara e Joaquina, saíram de terço na mão batendo de porta em porta convocando toda a população para se juntarem a batalha e defender as suas casas e sua vila.

Quando do embate os homens armaram emboscadas e atacavam os holandeses com armas de fogo enquanto as mulheres surpreendiam os invasores com paus, pedras e tachos de água fervendo com muita pimenta bem na cara. O embate durou horas e infelizmente vários corpos ficaram espalhados pela vila de pescadores, a maioria holandeses, o restante voltou para o Forte Orange na ilha de Itamaracá. O saldo positivo foi que as valentes e engenhosas heroínas de Tejucoapapo saíram vitoriosas.

Hoje, no local da batalha, há um obelisco que marca o perímetro do fosso construído para a batalha e a identificação do local. Desde 1995 o feito dessas destemidas mulheres é homenageado com a encenação teatral realizada por cerca de 200 moradoras da comunidade, sempre no último domingo de abril. A apresentação mostra a forma de vida e o feito dessas mulheres que lutaram bravamente contra os holandeses invasores na defesa da causa de todos e marca o feito reconhecido pelo exército brasileiro como a primeira batalha com a participação das mulheres registrada no Brasil.

A narrativa.

O trabalho do escritor é, a grosso modo, desenvolver uma realidade imaginária de maneira verossímil e coerente que seja capaz de fazer o leitor desligar-se temporariamente da realidade concreta e se transportar para essa realidade inventada de tal forma que os fatos narrados façam sentido dentro do contexto. Daí a importância do modo de construção de uma narrativa escolhido pelo autor.

O modo de construção de uma narrativa consiste nas escolhas que o escritor faz quanto à estrutura da história e da organização do enredo. É a partir do ponto de vista do narrador – se em primeira (eu), segunda (você) ou terceira pessoa (ele) - que o escritor determina o nível de entendimento que o narrador terá acerca da história e do modo como ele vai expor as ações para o leitor.

Em as Mulheres de Tijucoapapo, Marilene Felinto fez a escolha pelo narrador em primeira pessoa. Risia é ao mesmo tempo protagonista e narradora da própria história. O romance é uma narrativa da viagem de São Paulo para Tijucoapapo, mas é também uma

viagem de descobertas dentro de si. Rísia conta a sua história através de um diálogo num tom confessional que ela tem com a amiga Nema, através de uma carta que escreverá para a mãe (traduzida para o inglês, porque segundo ela em uma língua estrangeira a carta teria um apelo mundial), mas é também uma conversa com ela mesma e com todas as mulheres do mundo, mulheres, fracas, traídas, violentadas, mulheres fortes e mulheres guerreiras.

Do ponto de vista da tipologia textual *As mulheres de Tijucopapo* pode ser considerada uma narração e uma ficção ao mesmo tempo, pois segundo (LEITE, 1989, p. 6) quem narra, narra o que viu, o que viveu, o que testemunhou, mas também o imaginou, o que sonhou, o que desejou. Por isso, NARRAÇÃO e FICÇÃO praticamente nascem juntas. Dessa maneira, a medida que a história é composta pelos fatos vividos e também pelos fatos sonhados, desejados pela personagem central é possível denomina-la como uma narração ficcional.

O narrador, personagem central, não tem acesso ao estado mental das demais personagens. Narra de um centro fixo, limitado quase que exclusivamente às suas percepções, pensamentos e sentimentos (LEITE, 1989, p.43). Assim, ela compartilha com o leitor nesta carta desabafo seus pensamentos e emoções.. Dividindo com o leitor todas as dores e dissabores da vida ela tenta desesperadamente superá-los para tentar encontrar respostas para o seu sofrimento. Como os acontecimentos são muitos ela prepara o leitor: Já sei que vou parar muitas vezes antes de continuar. Pois os fatos não são um só. (FELINTO, pág. 17).

O discurso dela é a visão absolutamente pessoal da vida e do contexto no qual ela estava inserida na infância. Mas também são os questionamentos universais de qualquer indivíduo que pensa o seu cotidiano e está inserido em um contexto de pobreza, de fome, de desamor. Quando há diálogos eles são imaginários. São palavras não ditas, palavras mal ditas, reprimidas na garganta dirigidas para a mãe, o pai, para Nema, para Luciana, etc. É na escrita que elas são finalmente “pronunciadas”, regurgitadas com tamanha raiva e rancor que saem atropeladas.

É um resgate das memórias doloridas da infância vivida no Recife em busca dos culpados pelas suas dores e dificuldades. O discurso dela é a visão absolutamente pessoal da vida. São palavras não ditas, palavras mal ditas, reprimidas na garganta dirigidas para a mãe, o pai, para Nema, para Luciana, etc. É na escrita que elas são finalmente “pronunciadas”, regurgitadas com tamanha raiva e rancor que saem atropeladas

Rísia quando criança emudecia, gaguejava porque não sabia lidar com os acontecimentos da sua vida sofrida na infância, nem com a falta de amor dos pais, nem com a fome, nem com a raiva que sentia por tudo isso. Depois de adulta, volta a ficar emudecida pela solidão e pela dor da perda de um amor e já não suporta mais o fato de se sentir estrangeira em todos os lugares, sua identidade está tão entrecortada quanto sua fala.

Apesar disso, é pela fala – no caso, pelo relato presente no livro – que Rísia nos mostra a sua identidade, com todas as rupturas, transgressões, frustrações, descobertas.

A fala, para a personagem, representa também um mecanismo de autoconhecimento, pois o livro é marcado por diálogos de Rísia consigo mesma. Se não há quem a escute, Rísia faz sugestões a si mesma.

O que é Empoderamento?

Acredita-se que o termo empoderamento vem de uma tradução direta do termo em inglês Empowerment, mas buscando a origem da palavra Empowerment no Cambridge Dictionaries online, tem-se a seguinte definição: “the process of gaining freedom and power to do what you want or to control what happens to you” (em tradução livre: o processo de ganho de liberdade e poder para fazer o que quiser ou controlar o que acontece com você). Da mesma maneira no Oxford Dictionaries tem-se as seguintes definições: “Authority or power given to someone to do something” (autoridade ou poder dado a alguém para fazer algo); e ainda “The process to becoming stronger and more confident, specially in controlling one’s life and claiming one’s rights” (o processo de tornar forte e mais confiante, especialmente controlando a própria vida e exigindo os próprios direitos).

Dessa maneira, percebe-se que o registro de Empowerment nos dicionários mais conceituados é o de autoridade legal, poder dado a alguém para que então esse alguém possa fazer o que se quer, controlando a própria vida e exigindo mais direitos.

Porque tratar de Empoderamento em As mulheres de Tijucopapo?

Porque apesar das condições de vulnerabilidade em que a personagem Rísia estava exposta na infância, apesar das situações sociais, econômicas e familiares ela conseguiu sozinha perceber as condições de pobreza extrema e se esforçou para mudar isso. “Eu tinha sete anos e tudo o que eu sabia de uma cidade era de um Natal anterior quando me levaram finalmente a passar pelas luzes, pelas gentes e pelas lojas do centro de Recife, e onde em pé,

maravilhada, na ponte eu vi: o rio. Fora rápido mas daquele dia em diante eu passava a viver em deslumbramento; a paisagem de minha rua de repente assumira-se paupérrima a meus olhos, casinhas de taipa, meninos buchudos, rostos tristes... E eu chorava a minha fraqueza na janela em dias de chuva forte.” (FELINTO, pag. 43).

No contexto d’As mulheres de Tijucoapo percebeu-se que há três tipos de empoderamento que são importantes para a protagonista na sua jornada de autoconhecimento, quais sejam:

O empoderamento da fala

A possibilidade de falar – e ser ouvida – ainda representa para a mulher algo novo na sociedade. O discurso da mulher, quando esta fala de sua própria situação, muitas vezes é recebido como uma espécie de reclamação constante. Para os fatos que apresentam a sociedade machista que a mulher precisa tolerar ainda hoje, sempre são apresentadas contestações ou justificativas. Diante disso, a mulher, que se encontra em uma situação incômoda, é aquela que impulsionará a derrubada dos preconceitos. A mulher, reconhecendo sua situação e das outras mulheres, é que poderá agir em prol das mudanças necessárias para o gênero feminino.

A fala de Rísia ao contar sua trajetória é confusa e não segue uma sequência, assim como parecem ser seus pensamentos, suas lembranças. Como indivíduo que não se reconhece no lugar, toda a organização das suas memórias é marcada pela mistura – de tempos e lugares, mas também de sensações oriundas do impacto representado pelas suas vivências.

Os tropeços na sua fala, decorrentes da gagueira, podem nos trazer à tona vários sentimentos – insegurança, confusão –, mas também podem, simplesmente, expor a situação concreta da família durante a sua infância, quando Rísia não pôde tratar o problema.

Sua infância é marcada pela falta de demonstrações de afeto da mãe amargurada e pelas surras rotineiras que o pai lhe aplicava. Diante disso, sua fala assume outras características: a revolta, a violência.

Apesar disso, é pela fala – no caso, pelo relato presente no livro – que Rísia nos mostra a sua identidade, com todas as rupturas, transgressões, frustrações, descobertas.

A fala, para a personagem, representa também um mecanismo de autoconhecimento, pois o livro é marcado por diálogos de Rísia consigo mesma. Se não há quem a escute, Rísia faz sugestões a si mesma.

Empoderamento econômico

Tratar de empoderamento não pode deixar de lado a questão econômica, pois na sociedade capitalista, a renda representa poder. Esse poder se traduz na possibilidade de fazer escolhas para si. Dessa forma, o empoderamento da mulher, o qual envolve diversos fatores que influenciam em suas possibilidades dentro da sociedade e no papel a ela reservado, também está fortemente ligado à questão econômica e à sua capacidade de gerar renda e, com isso, ter sua autonomia.

Conforme Reed (2008, p. 101-102), existem duas maneiras de tratar a liberação da mulher: uma propõe que todas as mulheres, independentemente de sua classe econômica, têm objetivos comuns, que se opõem aos dos “machos chauvinistas”; outra, marxista, sugere que, mesmo sabendo que as mulheres são subjugadas em uma sociedade dominada pelo homem, tal subordinação é parte da exploração dos trabalhadores pelos “capitalistas, detentores do poder e da propriedade”.

A autora nos lembra que as revoluções na China, na Rússia e em Cuba garantiram melhorias na condição da mulher, mas tais melhorias foram conquistadas por meio da luta de classes, e não de uma luta entre sexos (2008, p. 105). Isso significa que, ainda que haja desigualdades entre homens e mulheres, a desigualdade entre ricos e pobres afeta ambos. De qualquer forma, em uma sociedade desigual, a mulher pobre será ainda mais prejudicada. Reed ressalta ainda: “As mulheres que pertencem à classe dominante têm exatamente o mesmo interesse na conservação da sociedade capitalista que os seus maridos” (2008, p. 107). Portanto, na sociedade capitalista, a luta da mulher por seus direitos não se resume a poder escolher como se vestir, com quem se casar – ou não se casar –, em quem votar, mas está relacionada à condição econômica da mulher para garantir seu espaço.

No caso de Rísia, sua condição não se resume ao fato de ser mulher, mas está intimamente ligada ao fato de ser uma mulher pobre. Ao longo de sua trajetória, a personagem teve acesso à educação, sendo relevante seu interesse pelo estudo. Mas a educação a que ela teve acesso foi uma educação deficiente, na qual ela esteve inserida carregando diversas características utilizadas pela sociedade para desvalorizá-la. Por isso, apesar de todo o seu esforço e interesse, o estudo não se converteu em uma mudança social em sua vida. Da mesma forma, a personagem foi inserida no mercado de trabalho muito cedo, mas isso não resultou em autonomia para ela, pois o trabalho era uma necessidade – para ajudar no sustento

de sua família pobre – e não uma possibilidade para que ela investisse em suas próprias escolhas e vontades.

Considerações finais

O reconhecimento de sua condição social pela personagem significa o reconhecimento de si mesma, pois todas as situações que a personagem enfrenta ao longo de sua trajetória se agregam para formar um sentimento de inconformismo e revolta. As características da origem da personagem não são momentâneas, mas refletem nas condições de vida de Rísia da sua infância até a vida adulta.

A pobreza da família de Rísia gerava necessidades quanto à sua inserção no trabalho, e, dentro do trabalho, foi agregada à personagem a condição de explorada. Ainda no trabalho, sua condição de mulher resultou na limitação das suas oportunidades e na perpetuação da desigualdade de gênero.

Sua condição de migrante também não sofreu mudança ao longo de sua vida, pois primeiro foi necessário sair de Pernambuco e ir para São Paulo; já em São Paulo, a permanente falta de identificação com aquele novo lugar fez com que Rísia estivesse sempre em busca de sua origem, sempre em busca daquele lugar com o qual se identificasse.

Apesar de tudo isso Rísia conta a sua história. Renasce das cinzas e não se sabe se vai viver numa casinha branca com marido e um filhinho, não se sabe se vai embora com Lampião, só se sabe que a trajetória foi uma gestação dela nela mesma. Se percebe que ela queria mesmo é contar suas dores que são também as dores de todas as mulheres e ter um final de filme de cinema.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Adriana de Fátima Barbosa. *Migrantes nordestinos na literatura brasileira*. Tese de doutorado em Teoria Literária - Departamento de Ciência da Literatura, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

FELINTO, Marilene. *As Mulheres de Tijuapapo*. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1982.

REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e rosa Sundermann, 2008.

Sites consultados

http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Batalha+de+Tejucupapo,+Pernambuco<r=b&id_perso=2370

<http://heroinasdetejucupapo.blogspot.com.br/>

<http://destacktejucupapo.blogspot.com.br/2016/03/goiana-teatro-heroinas-de-tejucupapo.html>

<http://marilenefelinto.com.br/>

<http://www.meusdicionarios.com.br/empowerment>